

# A MEMORIA

PUBLICAÇÃO SEMANAL

Redacção e impressão, Typographia SILVA CALDAS  
Rua da Rainha, 120

Responsavel  
Domingos José da Silva

GUIMARÃES, DOMINGO 7 DE OUTUBRO DE 1900

## O ESTUDO

**Q**uem estuda engrandece-se, avança. Até os homens de nascimento humilde podem ser guindados ao apice d'alguma aspiração fagueira, se a vontade acerrima pelo estudo os preocupa sinceramente.

Obtêm-se sempre mirificos resultados d'essa labutação honrosa, que nos mostra o paraíso delicioso da verdade, do fundamento. O contrario d'isto representa uma inadvertencia prejudicial.

Bem sabemos que ao homem estudioso se regateiam constantemente justos louvores. Vis insensatos, parasitas que só merecem compaixão, boiando no mar negro da inutilidade, riem-se sardonicamente d'elle, cospem injurias servilmente, mas não conseguem intimidar ninguém, porque todos sabem que estes phantasmas risíveis ficam estatelados e mudos, ante a firmeza inquebrantavel dos que querem progredir á custa do seu proprio sacrificio.

As riquezas que o estudo prodigalisa, são incomparaveis: nada ha que as suppra. Horisontes vastissimos e formosos começam desde logo a desenhar-se na nossa mente, como que incitandonos, e o coração enche-se de novos sentimentos, que se communicam generosamente. E esta generosidade, que não en-

contramos no homem indouto, é uma prova da perfeição, que a alma adquiriu por aquelle meio.

O estudo divide-se em classes diferentes, das quaes é licito cada um escolher a que melhor lhe convenha.

N'esta escolha, porém, erram muitissimos; umas vezes por vontade propria, que mal sabem definir, porque são ainda novos, outras vezes porque seus paes ou tutores, incoherentes e rispídos, os obrigam a trilhar por uma senda que se torna escabrosissima, porque lhes é antipathica.

Cumpra advertir que este modo de annular vocações, infelizmente tanto em voga, produz sempre maus resultados. O estudo forçado é infructifero.

Desde a infancia devem ser perscrutadas as inclinações, e, senão demudarem, bom é que se respeitem. Quantos homens haverá que podiam prestar grandes serviços á humanidade, se os deixassem realisar o seu ideal, tantas vezes afagado... tantas!...

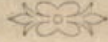
Todavia, o estudo mais proveitoso é aquelle que pratica voluntariamente o homem sem recursos materiaes de especie alguma; que vence difficuldades, que despresa zombarias, que pretende enfim, a todo o transe, procurar a illustração indispensavel, embora as suas alongadas locubrações o prejudiquem physicamente, lhe roubem o vigor e o inutilisem talvez.

Esse martyr merece o nosso sincero applauso, se bem que é o menos querido d'esta sociedade hypocrita e indecorosa, que só sabe bajular o que é grande e nunca aprendeu a prestar o culto

devido ao cidadão modesto pelo nascimento, mas nobre pelo trabalho.

Quem estuda enthesoira diamantes de inestimavel valor, que hade fruir opportunamente.

Estudemos, pois.



## A CABRA

poema-tragico-philosophico

EM PARODIA AOS LUSIADAS

(a proposito da rachadella d'este historico sino)

DEDICADO

AOS BACHAREIS DE COIMBRA

✠

Em especial a meu tio Dr. Pereira Caldas, bacharel em philosophia, mathematica e medicina

(EXCERPTO)

*O Cabra que foste cabra,  
O Cabra que já não és,  
O Cabra que te racharam  
Da cabeça até nos pés,*

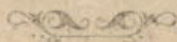
*Se o Padre Sancto ouvisse  
Do raio da Cabra o som,  
Viria de Roma aqui  
Pra lançar-lhe a excommunição.*

(estribilho popular)

Os bedéis e archeiros te choraram,  
E do Mondego as agnas gordorosas  
Os Geraes e as aulas alagaram,  
Gon lagrimas, correndo langurosas:  
Mas tanta vez na Alta se escutavam  
Com raiva as tuas filhas tão finhosas,  
Que sempre os bachareis recordarão  
Com horror o maldicto do teu som!

.....  
Era para os novatos dia cheio!  
Lições grandes com restos de espavento!  
— Esperanças de feriado... ó doce enleio!...  
A Cabra demorou... feliz momento!  
Mas... segundos depois, desprende o freio,  
O badalo do tragico instrumento!  
E elles que o som terrivel escutaram  
Aos peitos as sebentas apertaram!

BRAULIO CALDAS,



## A SERVENTIA

(Conclusão)

— Alma damnada de creatura! Agora, a raiva do Cosme, ia tomando uma fórma lamurienta, cobarde, cheia de sentidas queixas contra o outro que nem lhe ficára reconhecido, quando fôra das partilhas, por elle lhe ter abandonado, sem pôr o minimo empecilho ou tecer a mais leve trica, aquelle bocado de chão, o melhor de toda a fazenda. Ahi estava a paga. Depois de ter feito caminho para ella por outros lados, decidira voltar ao antigo, sem olhar que as coizas tinham mudado, que a propriedade estava dividida, e que elle não tinha direito nenhum de passar pela do alheio.

— Mas é assim, aquell'alma damnada! P'ra elletudo... p'ros outros... Se nem uma sêde d'agoa é capaz de dar a um pedinte! Até uma pessoa chega a ter nojo de ser irmão d'elle! Cão damnado!

Fincou os cotovellos nos joelhos. Apertou a cabeça nas mãos. Tremiam-lhe nos olhos lagrimas rancorosas.

Ia a Joanna arrecadando a ceia que não comêra.

De longe, cahidos pelo fumeiro, vinham uns uivos tragicos, chorados, longos...

Foi preciso a mulher chamal-o fagueiramente para que elle se fosse deitar.

Na manhã seguinte levantou-se cedo. Não deu palavra. Sahi. Os rapazes dormiam. A Joanna espreitava-lhe o norte. Logo que percebeu o caminho que elle tomava foi pela porta fôra direita á casa do cunhado. Picavam-na guinadas de correr com quantas forças tivesse. Dava umas pernadas ligeiras, topava nas pedras soltas, prendiam-se-lhe as barras das saias nos tojos das estrumeiras, e os cães ladrando ao vulto apressado, faziam-na abrandar na carreira, reprimir a sua angustia, para que alguém de encontrado não viesse a presumi-la.

O cunhado estava á porta, em mangas de camisa, enrolando um cigarro.

Ao avistal-a, o homem inferiu que o dia não lhe madrugava lá muito bem.

Abeirava-se a Joanna. Vinha afogueada, offegante, descomposta de roupas e de gestos. Apenas chegada, sem mesmo dar «Deus o salve»:

— O' mano!... E' p'las Cinco Chagas!... Não vá hoje lá!... Não vá!... Queria dizer mais. A voz entaramellava-se. A bôcca estava-lhe sêcca. E valeu-se das mãos para concluir. Apresentava-lh'as cruzadas, erguidas. Torcia-se de angustia.

E o cunhado muito sereno:

— Já calculava.

— E' p'los seus sobrinhos, mano! E' por elles!

E a voz fria, de replicar:

— Escusa de pedir por ninguem. E' coisa que não serve cá p'ra mim.

—Mas aquillo passa-lhe, mano. Deve passar.

—Mas volta. Elle sabe que se eu vou por li é que muito bem entendo que tenho direito a servir-me por lá. Não está p'los ajustes? E' uma coisa. Agora prantar-se com valentias? E' já uma outra questão. E então dôa ella lá a quem doer!

Fez meia volta para casa. Abriam-se os portaes visinhos. Receiando ser notada, a Joannã desandou. A recordação de uma scena de agoas cortadas acontecida quando ella era nova, veiu apoquental-a. Tornou-se-lhe pesadêlo, e de tal maneira a envolveu que, mal se viu em casa, deixou-se cahir para um canto, inerte, embrutecida.

Em cima os rapazêlhos ainda dormiam.

Da extrema da fazenda semeada de trigo, lá em baixo, á sombra sêcca da oliveira enfezada, torcida, pobre de folhas e de fructos, o Cosme viu o irmão subir os degrãos terreos cortados no vallado. Deixou-o seguir. Quando elle estava proximo do fim do carreiro, mandou-lhe um torrão.

O outro, como surpreso, voltou-se:

—Eh lé?

Fingia procurar o sitio d'onde viêra a provocação. E jogando de admirado ao dar com elle:

—Éras tu, irmão?! Má raio de maneira p'ra enxotar a pardalada! Olha que dás cabo do pão e nalgum dia és capaz de dar cabo cá da pessoal!

—Pois p'ra você é que elle ia. Se lá não chegou háde chegar este!

O irmão livrou-se. Ironisava:

—Já vejo que não acertas. Vae almoçar, homem! Vae almoçar que tudo isso é fraqueza.

—E' o raio que o parta a você, é que é!

—Ou então é fome. Vae p'ra casa. Anda!

Os trigos verdes, ainda curtinhos, como relvêdos, separavam-nos.

Riborisava-se o Cosme. Gesticulava.

—Você aqui não tem nada que mandar! Ponha-se lá fóra que o chão é meu.

Mostrava o invasor poucas ideias de lhe seguir a intimativa.

E elle mais enraivecido, mais encarnigado:

—Ponha-se lá fóra! você não ouve?

—Ouvi, ouvi. Lá que ouvi, ouvi; mas é que talvez não ponha. Nunca tive medo d'olhos de lobo quanto mais de gente!

Puxava as calças pelo cós. Informava conscio:

—Está p'ra nascer o primeiro.

—Talvez não seja preciso.

Deixaram cahir as jalecas. Arremangavam-se. O Cosme olhava em procura do caminho de encontro sem damno para a sementeira. Mas o outro, mettendo pelo tragal, tirava-lhe trabalho:

—Não te cances que eu lá vou.

—Ah cão!

Seguiu-lhe o exemplo.

Apenas os carreiros de devastação vieram a encontro, os dois homens exasperados romperam ao sôcco. Ambos eguaes na força, ambos eguaes na raivosidade, atiravam-nos aos peitos onde elles soavam cavernosos, atiravam-nos ás caras onde elles rompiam fundas bréchas que logo expiravam sangue. Confundiam os rangeres selvaticos dos dentes. Golphavam dos peitos largos cavos monosyllabos de animo. Dir-se-iam duas feras travadas numa lucta íamélica.

Alastrava-se a ruina da sementeira. As hastes verdes dos trigos, gotejavam sangue, partiam-se, trituravam-se, envolviam-se na terra, como fugidas da presença de tamanha crueldade.

Recuou o Cosme para livrar-se de um murro violento. E o adversario, faltando-lhe o apoio calculado, não podendo amparar a deslocação do corpo pela fallencia de terreno solido, cahiu de bôrco. Saltou-lhe o irmão num prompto. Esmurrava-o na cabeça, murros seguidos, nervosos. Tentava o outro erguer-se. Porém a terra cegára-o. Ainda conseguiu voltar-se. Mas os saporros ferrados do cobarde cahiram-lhe sobre o peito a espesinhá-lo com o mesmo furor dos murros.

Teve uma lofada de sangue, inteiriçou-se, e quedou inerte.

O Cosme deu-lhe um pontapé de desprezo.

—Serve-te agora se és capaz!

Atirou-lhe ás faces desfiguradas terra enlameada pelos sangues.

E foi lavar as mãos e a cara ao ribeiro.

Lisboa.

Eduardo Peres.

### DESALENTO

(A minha irmã L. O. da Rocha)

Já o sol se vai sumindo,

Vae fugindo,

Em trévas me vai deixar.

A noute surgindo amena,

Tam serena,

Vem-me a alma contristar.

Uma dôr amarga eu sinto

E presinto,

Uma tortura sem fim,

Morta de todo a esperanza

De bonança,

Não posso viver assim.

Oh! de que serve esta vida

Consumida,

Em turtura tão cruel!

Mais valla não nascer

Que beber

D'esta negra taça o fel.

Mas se enfim é minha sorte...

Serei forte,

Sorriré á minha dôr.

Abraçada á minha cruz,

A minha luz

Seja coragem, Senhor!

Guimarães, —2—10—900.

BERNARDINA DE R. F.

## UMA NOITE DE LUAR

Que noite serena,  
Que lindo luar

**E'** noite...  
Por toda a parte reina um silencio sepulchral...

De tempos a tempos ouvem-se os lugubres pios do noctívago mocho na floresta d'além.

Lá de longe vêm-nos reboadas de trindades melancolicos e toadas plangentes que só o amor e a saudade sabem inspirar.

Saudade, «única sobrevivencia de um corpo amado que apodrece».

E lá mais ao longe e por toda a parte o pallido clarão da lua projectando-se por sobre todas as scenas da natureza em descanço.

A lua, a depositaria sagrada do amor intenso e vibratil de tantas almas enamoradas do bello, a rainha da noite, essa enorme alamurada suspensa do firmamento marchetado de innumerables constellações d'estrellas, campeia no espaço e assiste aparentemente immovel e muda perante toças as scenas do amor, scenas verdadeiramente tristes.

Aqui é um noctívago que então uma canção impregnada de tristeza; ali um joven esperando a dama dos seus pensamentos; acolá um par de namorados que sustentam conversas talvez bem libidinosas; além a adolescencia entregue ao sensualismo das paixões mais ignobeis; mais além uma caterva de homens em volta d'uma mesa que priua pela immundicie, para os quaes o Deus é Baccho, um baralho de cartas o livro, a religião o jogo, o depositario da graça um bojudito tonnel; e que se afogam em vinho só para varrer da memoria a lembrança d'algum precalço, d'esses que á juventude succedem 'nessas espeluncas do vicio, onde se rende o culto mais acendrado a Venus; e lá ao fundo d'um bôco, á porta d'um lupanar, um bando de jovens anemicos cantando e tocando; as cantigas que entoam são tão abjectas que o bandolim trina de melancolia, a guitarra geme com tristeza, a rebeca dá ais de dôr e o violão graves de sentimento.

E tu, ó lua, presencias tudo isto com uma impassibilidade que faz dô, com uma serenidade que infunde respeito, com uma quasi paciencia verdadeiramente extraordinaria, só a espaços còbres o teu prateado rosto com o alvo véu d'alguma nuvem semelhando teres horror aos vicios hediondos que presencias na natureza que são tantos e taes que o sentimento obriga-nos a dizer-te com Hilario:

Foge lua envergonhada  
Retira-te lá do ceu

Guimarães,—XVIII—IX—MCM.

MOISÉS.



*Facem annos as ex.<sup>mas</sup> sr.<sup>as</sup>:*

Hoje, 7—D. Maria Angelina Martins Ribeiro.

Dia 8—D. Ignez Augusta de Sousa Queiroz.

Dia 9—D. Maria Candida Ferreira; D. Julia de Jesus Teixeira Martins.

Dia 11—D. Carlota Ricardina d'Araujo Portugal.

*E os ex.<sup>mos</sup> srs.:*

Dia 10—Francisco José Ferreira Ribeiro.

Dia 2—Fez annos n'este dia o snr. Bernardo Corrêa Leite d'Almada (Azenha) e não sua irmã D. Joanna, devido a erradamente informados.

### *Notas intimas*

Tem estado enferma a ex.<sup>ma</sup> sr.<sup>a</sup> D. Augusta Jorge, sentindo já algumas melhoras. Que breve se restabeleça, é o nosso desejo.

Tem guardado o leito, o snr. Alfredo Campos, digno empregado das obras publicas e nosso presado collaborador.

Estimamos o seu restabelecimento.

Na Poyoa de Varzim encontram-se a uso de banhos os nossos obsequiosos assignantes, os ex.<sup>mos</sup> snrs.:

Alferes Gaspar do Couto Villas, e esposa.

Adelino Leite de Faria, esposa e sogra. Manoel Luiz Carreira e familia.

Rregressaram das praias, com suas estimadas familias, os ex.<sup>mos</sup> snrs.:

Dr. Fernandes Braga; Antonio Martins de Queiroz Montenegro; Pedro Lobo de Sousa Machado; Joaquim Pereira Mendes; Manoel Teixeira Guimarães; Cezar Augusto de Freitas; Dr. Avelino Germano da Costa Freitas; Conde de Margaride; Paschoal Quintanilha; Antonio Carneiro; José Martins (Aldão); Antonio José Fernandes, e sua ex.<sup>ma</sup> filha, a qual vem um pouco melhor da impertinente enfermidade, que tanto a tem feito soffrer.

Do Gerez, regressou o sr. Silvestre Gomes Teixeira e esposa.

## NUVENS



Eu queria andar em vós, nuvens encastelladas  
Que surgis pela tarde em baixo, ao pé do mar;  
Nuvens que pareceis as pomas das amadas.  
Nuvens que pareceis as faces matisadas  
Da mulher, a quem queremos avidos beijar.

Eu queria andar em vós, lá em cima bem distante  
Deste monturo pôdre que me causa asco;  
Estar ao pé do sol que triste, agonizante,  
Envolto só em sangue rubro, enebriante,  
Me faz lembrar, com dôr, a face d'um carrasco.

Eu queria estar lá longe e ouvir as badaladas  
Lentas, tristes, dos templos ermos da aldeia;  
E vêr apparecer em noites estrelladas,  
Numa cama bordada a estrellas aloiradas,  
A minha esposa-bôa, a branca lua-cheia.

Eu queria lá de longe olhar as bacchanaes  
Hediondas e torpes d'essas vis cidades,  
E vêr a embriaguez dos pôdres cannibae  
A maltratar irmãs, a insultar os paes,  
Que eu veria sem dôr, sem dó e sem saudades...

Eu queria andar em vós nuvens encastelladas  
Que surgis pela tarde, em baixo, ao pé do mar;  
Eu queria ter em vós as faces desmaiadas,  
E á luz das estrellas puras, aloiradas,  
Por toda a eternidade, triste, em vós sonhar!

Coimbra, —28—4—900.

ALFREDO PIMENTA.

Do livro em preparo  
*Flôres Malditas.*



## OS ARVOREDOS

**A** industria agricola, sem duvida o ramo mais fecundo da prosperidade das nações, é variadissima nos seus productos, offerece de continuo ao agricultor estudioso mil objectos que reclamam a mais séria attenção e um estudo theorico e pratico, ao qual temos dedicado uma boa parte da nossa vida.

Entre a copiosa variedade de assumptos que a agricultura offerece ás nossas attensões, é sem duvida, um dos mais importantes a arborisação, e é sobre esta especialidade que hoje vamos fazer as seguintes considerações, que apresentamos á apreciação dos nossos leitores.

Se attentamente confrontarmos as vantagens lucrativas que nos advem do fabrico do sólo para producção de cereaes, legumes, e

outras culturas, com que as auferimos das differentes arvores, acharemos estas em muito mais subida escala do que aquellas.

As arvores são de summa utilidade consideradas sob differentes pontos de vista: produzem copiosos fructos, que se convertem em alimento d'uma infinidade de sabores, fornecem madeiras de construcção e ornato, tão variadas como bellas e estimadas, prestam um valioso contingente á medicina nas suas flôres, folhas, cascas e resinas, as quaes são tambem empregadas vantajosamente nas artes e commercio, sendo o mais importante o da borraça; prestam o indispensavel combustivel para o uso domestico e distillação e contribuem poderosamente para a hygiene, pela exhalção do oxygenio e abastecimento d'agua, que muito depende da arborisação.

Além dos variados misteres, a que alludimos, em que as arvores occupam um importante logar, téem ellas ainda a prerogativa de ser onde a natureza mais pomposa e galhardamente ostenta as suas galas, embellezando com seu elegante e magestoso porte as cidades e o campo, e embalsamando o ambiente com o agradável aroma exhalado de suas multiplices flôres.

O desenvolvimento ou tamanho das arvores, pôde dividir-se em quatro classes, sendo as da 1.<sup>a</sup>, as que attingem á altura de 50, e mais metros; as da 2.<sup>a</sup>, as que sobem a 20 e 30; as de 3.<sup>a</sup>, as que chegam a 15; e finalmente, as da 4.<sup>a</sup>, as arbustivas, que embellezam os jardins, e apenas chegam a 2 até 3, o que já é pouco vulgar.

A vida das arvores varia, segundo a natureza de cada especie, qualidade e disposição do terreno: umas vivem 15 a 20 annos, outras 30 até 40, e muitas prolongam a seculos a sua existencia; taes são: o carvalho branco, o carvalho cerquinho, o castanheiro, as oliveiras, as nogueiras e sobretudo o cedro, e com especialidade o do Libano.

O sovereiro, o carvalho, o castanheiro e a nogueira crescem lentamente até aos vinte annos, augmentando depois rapidamente o seu desenvolvimento por espaço de mais alguns annos, após os quaes estacionam principiando, afinal, a declinar. N'este periodo de vegetação é quando se deve proceder ao córte das arvores para madeira, por isso que se consideram completamente fortes e desenvolvidas.

Não sendo, porém, necessaria a madeira, não estando a arvore substituida, e havendo algum inconveniente no córte, pôde este ainda espaçar-se, sem prejuizo da madeira, por tanto tempo, quanto foi gasto no desenvolvimento da arvore; sendo, porém, mais aliado, a arvore enfraquece, altera-se a madeira e caminha para o apodrecimento.

Precisa-se muitas vizes de paus, cujas arvores não téem mais de 15 annos, o que torna a madeira de pouca duração, pela falta do necessario aperfeiçoamento, provando esta circumstancia exuberantemente que só no estado de completo desenvolvimento se deve

proceder ao corte das arvores, como acima deixamos dito.

O estado florescente ou decadente das arvores, conhece-se pelos seus ramos: se os mais altos estão vigorosos, providos de folhas viçosas, e com tendencia de subir, se os rebentos são fortes, e a casca esbranquiçada e bem adherente ao pau, está a arvore no seu vigor; se, pelo contrario, em tudo isto se nota definhamento, está a arvore na sua decrepitude.

Quando a casca das arvores se destaca do pau, abre fendas em differentes espaços, quando os musgos e lichenes se apoderam das ditas arvores e vegetam largamente na sua casca, quando uma arvore da mesma especie brota, na primavera, primeiro que as outras, e no outono é a primeira a perder a folha, é claro que essa arvore chegou á sua completa velhice.

N'este estado não póde, nem deve, demorar-se o corte, quando o pau seja destinado para qualquer obra, advertindo, porém, que a madeira da arvore velha não é tão boa como a que se corta no vigor da vida da arvore. Assim como antes do completo desenvolvimento, a madeira não é de muita duração, assim tambem depois do enfraquecimento da arvore, pela velhice, se dá a mesma circumstancia.

Nunca se deve proceder ao corte das arvores durante a subida da seiva, mas sim nos mezes de novembro, dezembro e janeiro, em que a vegetação está, por assim dizer, paralisada.

As arvores resinosas, porém, devem ser cortadas com a resina.

O corte das arvores nunca se deve fazer de maneira que se destruam as mattas, pois está sobejamente provado que as florestas concorrem poderosamente para a hygiene e abastecimento d'agua. Quando se escalvam as montanhas diminhe logo o volume das aguas, porque pelos arvores transformam-se em chuva os vapores aquosos que existem na atmosphera, a agua pluvial infiltra-se na terra, e d'ahi se reforçam as nascentes.

(Continua.)

Povoa de Lanhoso.

FRANCISCO M. M. D'OLIVEIRA.

## Chronica da Capital

LISBOA, 4—10—900.

Que Lisboa é uma das cidades mais formosas do mundo já o dizia o grande historiadór Alexandre Herculano.

Esta formosura, porém, justo é dizer-se, deve-a mais á natureza do que á applicação do esforço humano que tem sido em verdade bem avaro.

Não quaremos dizer com isto que Lisboa não tenha progredido desde ha alguns annos e não esteja dotada de melhoramentos de va-

lor, tendo rasgado algumas arterias que a afastam em aspecto das cidades de provincia, mas isto muito arrastada e pavorrentamente.

Os monumentos, as obras d'arte que em outras capitães tanto abundam e que ellas capricham em apresentar á contemplação do estrangeiro, rareiam aqui d'un modo muito sensível.

Lisboa é tambem uma estancia de inverno de primeira ordem, pela amenidade do seu clima, podendo competir com as melhores do estrangeiro. E', porém, pouco procurada devido, entre outras causas, á falta de tino dos nossos dirigentes.

Mas, se, como dizia Herculano, Lisboa é a cidade mais formosa do mundo, nós cremos sem receio de errar, porque está sobejamente provado: Lisboa é a cidade mais cara do Univeráo.

Se os seus habitantes não morrem positivamente de fome, morrem da tuberculose de que aquella é um dos vehiculos mais importantes.

Segundo as estatisticas, é Lisboa uma das cidades que contribue com maior percentagem de mortalidade pela terrível enfermidade.

Ultimamente desenvolveu-se para ali a febre da creação de sanatorios patrocinados pelo estado e, triste é dizel-o, o estado cria os sanatorios e é esse mesmo estado que se encarrega de fornecer-lhes a materia prima.

E para demonstrar esta asserção um exemplo basta, se bem que elles sejam aos centos:—Por quanto fica a um habitante de Lisboa um kilo de carne de porco, por exemplo, comprada fóra das portas da cidade?

Paga de direito 71 reis; sanitario, 5. 6 % de 82, 1. 6 % de 90, 1. 5 % de 98, 4. Sello, 20. Trafego, 30. Impresso, 10. Total, 142 reis, isto é, tanto ou mais do que lhe custou a carne.

E' este o chamado imposto de consumo de Lisboa e que é cobrado pela alfandega.

O exemplo citado estende-se, com outras taxas, a todos os demais generos destinados á alimentação publica: carne bovina, ovina, vinho, fructas, etc.

Em face d'isto digam-me se não é irrisoria, se não é uma pura ironia a tal creação de sanatorios.

Com rara e pouco vulgar abnegação tem-se occupado do assumpto das carnes o illustre chefe do districto, tendo convidado a imprensa a assistir á leitura de um extenso e bem formulado relatorio n'este sentido.

Este trabalho tão sympathico pelo fim e pelo altruismo que revela da parte do seu auctor, resolve em parte o problema, pois barateia um pouco a carne de vacca destinada ás classes pobres.

Mas o consumo, o tal consumo de Lisboa, esse fica de pé quiçá para custear as despezas dos sanatorios

JAYME DE LACERDA.

## VARIÉDADES

### Charada-comboyo

Soffreu descarrilamento  
e na machina avaria...

Ha de seguir... mas depois  
d'alguns reparos na via,  
e se mesmo assim furada  
cá per esta ferruncheia  
—e portanto semimorta—  
ainda houver quem me leia...

J. Saíd.

### MIXORDIA ENCYCLOPEDICA

Diziam os antigos Cephaloides da familia dos microcephalos, crystaes de base inter-opipara, que as membranas cosmicas do ether eram fluxos organo-theologicos da grande massa intestinal, combinadas com as circumferencias cirkulares e triangulares da raiz cubica do oceano.

Mas hoje as orbitas chemicas e calcareas do esophago atómico, as equações do zeugma pneumatico do pancreas e do chlorophilla, endosinose acadêmica dos astros, a pressão geographica do rhadio, etc., etc., affirmam sempre o contrario toda a vez que sejam submettidos á calcinação hyperbolica e observados, com o auxilio dos raios XX, atravez d'uma semifusa do Hymalaia ou da substancia ornithologica contida em um milligramma da lei de Archimedes.

E' verdade que as glandes opiaceas do gafanhoto, as antenas sideraes do crocodillo, as mandibulas systematicas do homem e as bellas figuras de metaphysica estão em harmonia com a synthese helicoidal do globo arithmetico. Mas estas differenças de trigonometria são pouco sensiveis á agulha de marear, comquanto os inglezes fabriquem hoje perfeitamente um admiravel pó insecticida que tem propriedades ballisticas muito apreciaveis em casos syphiliticos e photographicos.

Mas por outro lado, ainda que limphatico e virulento, as bacterias hollandezas que vegetam nos espaços inter-moleculares da hypotenusa sob a potencia endemica do vomer, coincidem precisamente com o phenomeno cylindrico da trompa de Eustachio e com as divindades etymologicas da materia.

Tudo isto, pois, conduz á seguinte conclusão, que é uma lei:

«A pillula está na razão directa do xarope e na inversa do quadrado da pharmacia».

J.

### JARDIM PUBLICO

Hoje não ha musica, por ter de assistir á festividade de Nossa Senhora do Rosario, que se realisa no templo de S. Domingos.

### HORAS VAGAS

#### Pergunta enygmatica

A João Bravo

Tu, que em enygmás muito vês,  
Decerto responderás.  
—Qual o rio portuguez  
Que em ti mesmo encontrarás?

JUVENAL.

#### Charadas novissimas

Anda no astro esta flôr—2—1.

PORTO ALEGRE.

No Fundão tem dons oratorios esta reforma—1—2.

Estudei a pintura d'este liquido—1—1.  
Em julho estudava esta mulher—1—2.

ARMANDO D'OLIVEIRA.

#### Decifrações do numero 3

Charada—MORCEGO. Descobriram-n'a:  
—Theodoro; Ovarb; Felisberto Costa.

Proverbio—NÃO HA BELLA SEM SENÃO.  
Acharam-n'o:—Ovarb; Felisberto Costa; Antonino; Armando Collet; Theodoro; Thomaz Brito; Dominó Encarnado.

Charadas novissimas—1.<sup>a</sup> MARIANNO;  
2.<sup>a</sup> SAPATO. Encontraram-n'as os mesmos do proverbio. A 3.<sup>a</sup> charada é repetida n'este numero, devido ao ter sahido errada, por lapso do seu auctor.

Logogripho—MELODIA. Decifraram-n'o:  
Ovarb; Mauricio; Felisberto Costa; Oliveira Brito; Armando Collet; Antonino; Theodoro; Dominó Encarnado.

## A MEMORIA

### Preço da assignatura

Cada trimestre (sem estampilha)...	300
» » (com estampilha)...	350
Numero avulso.....	50
Annuncios, reclames e communicados na 6. <sup>a</sup> , 7. <sup>a</sup> e 8. <sup>a</sup> paginas, linha.....	40
Annuncios permanentes, contrato especial.	

Accusa-se a recepção de quaesquer publicações, quando enviados 2 exemplares.

## CURSO PARTICULAR PARA AMBOS OS SEXOS

Este estabelecimento de ensino primario obteve, na presente epocha de exames d'instrucção primaria, o seguinte resultado:

Maria Magdalena Moura de Noronha Araujo, distincta.

Maria da Conceição Pereira da Motta, distincta.

Anna Candida Pinto, 14 valores—approveda.

Antonio Jeronymo Lopes da Cunha, 14 valores—approvedo.

O professor d'este estabelecimento recebe em sua casa alumnos internos e externos, não se poupando a sacrificios para que elles obtenham, no menor espaço de tempo, o maior aproveitamento possivel, como prova pelas classificações obtidas e acima mencionadas.

As aulas continuam permanentes.

LARGO DA OLIVEIRA  
(CASA VENANCIO)

O professor,  
*José Leite Mendes.*

## PROGRESSO DA MODA

DE  
OLIVEIRA & SILVA

28—Campo do Toural—31

GUIMARÃES

Grande sortimento de artigos da moda e todas as confecções de vestidos e chapus para senhora e creança.

## OFFICINA

DE

Caldeireiro e serralheiro

DOMINGOS Villa Nova Guimarães, (o Cavallaria) participa aos seus estimados freguezes que se encarrega e fabrica toda a obra de caldeireiro e serralheiro, a preços convidativos, para o que está competentemente habilitado, podendo desde já ser procurado na sua officina.

RUA NOVA DE S. ANTONIO, 74 e 76

GUIMARÃES

# TYPOGRAPHIA

DE

ALBANO PIRES DE SOUZA

ANTIGA SILVA CALDAS

120—Rua da Rainha—122—Guimarães

Impressão de bilhetes de visita desde 120 reis o cento; circulares, facturas, mapas, memoranduns, acções, cheques, enveloppes timbrados e todos os mais impressos para commercio, camaras municipaes, administrações de concelho, repartições de fazenda, juntas de parochia, irmandades e cartorios; rotulos para pharmacia e para vinho; cartas funebres; programmas e bilhetes de espectaculos; recibos e diplomas para associações.

Trabalhos typographicos em todos os generos, desde o mais pequeno ao maior formato.

Preços de todas as obras sem competencia.

Carimbos de borracha, metal e madeira.